

CELEBRAÇÃO DA SURPRESA

ROSANA GALINA

*Terapeuta de família,
mestre em psicologia,
psicodramatista,
professora e
supervisora em
psicodrama, membro
da IFTA, membro
diretoria da ABRATEF
e APTF.*

Mais uma vez Saúl Fuks me convida a um momento de intensa reflexão. Não há nada que me surpreenda em sua escrita clara, embasada e esclarecedora, apesar de o convite apresentar-se para pensarmos sobre a curiosidade e a capacidade de nos surpreendermos. Ele não surpreende, pois é conhecido o seu lugar e sua posição sempre coerente. Mas nos incita a refletir sobre *“sentir-se seguro de que sua verdade é uma ilusão e que esta descoberta conduzirá a um novo começo de reflexão”* (p. 88).

Fuks desenvolve ao longo do texto a definição do ato de surpreender e da palavra curiosidade aproximando-se vagarosamente, mas com grande assertividade do contexto terapêutico e de como esses dois “jeitos de estar na vida” desenvolvem o novo, a descoberta de que o outro está no lugar do novo. Diz ainda que *“a surpresa encontra-se intimamente ligada à forma como construímos nosso mundo e o transcorrer da vida cotidiana como cenários estáveis, seguros e previsíveis e, assim, aos modos pelos quais organizamos nosso sentido de identidade”*.

Fala que os objetos que despertam curiosidade existem no mundo de quem vive as emoções e na relação com o outro, *“a trama relacional da qual essas experiências emergem se baseia nas interconexões e interdependência que estruturam e organizam a nossa vida”*. Nós nos comunicamos a partir do que somos.

Reflete que quando a curiosidade se transforma em capacidade de se surpreender buscamos sempre explorar e conhecer melhor o que nos mobilizou. Estar aberto à curiosidade entendendo que o não compreender pode levar à busca de compreensão,

A partir dessas reflexões introduz o conceito de reflexividade, dizendo: *“O observar-se do observador em suas próprias observações é uma manifestação de uma reflexividade, diferente da mera racionalidade... e que se constitui como princípio essencial de uma relação com o conhecimento a qual poderíamos denominar a Epistemologia da Reflexividade”*.

Reforça que o resgate da presença construtiva do observador/pesquisador, *“tornam mais evidentes... o fato de que quem pesquisa o mundo do outro está sendo pesquisado, por sua vez, por seu interlocutor, que será perturbado por questionamentos similares do pesquisador/ator.”*

E, a partir dessa reflexão, nos aproximamos do contexto terapêutico e refletimos que todos os envolvidos na trama do “encontro” dispõem-se a partilhar de diferentes possibilidades de diálogo nas quais a reflexibilidade é um caminho para a ampliação do autocohecimento e da perspectiva de compartilhar. É nesse contexto que a surpresa e a curiosidade abrem campo para o crescimento da relação, possibilitando a criação do novo.

Apenas sendo possível sobrevivermos ao inesperado e imprevisível sem corrermos para o acolhimento do conhecido e enrijecedor mundo das técnicas e de *“receitas seguras”* é que poderemos abrir campo para conhecer o outro que está a nossa frente com uma verdadeira bagagem por nós desconhecida.

E, para terminar meu encantamento sobre o lido, ofereço a vocês mais um trecho do nosso Saúl: *“O artesão de contextos precisa recuperar sua capacidade de jogo para reencontrar suas ferramentas pessoais e afiná-las com a cena em que se encontra.”*

Fica aqui meu convite a que leiam o artigo completo, de fato vale a pena!